



Pactos de vida e de morte: uma reflexão ética em tempos de barbárie

Life and Death Pacts: an Ethical Reflection in Times of Barbarism

Fernanda Valim Côrtes Miguel

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina, Minas Gerais / Brasil

fernanda.v.c.mig@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8336-738X>

Gustavo Henrique Rückert

Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, Rio Grande do Sul / Brasil

gh.ruckert@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9267-5229>

Resumo: O artigo realiza uma leitura crítica de “A gente combinamos de não morrer”, conto que integra a antologia *Olhos d’água* (2014), de Conceição Evaristo. O objetivo do estudo foi o de refletir sobre como a violência agencia as formas de vida contemporâneas das personagens na narrativa em consonância com a história de nosso próprio passado escravocrata e colonial, dores profundamente traumáticas que não conseguiram, até hoje, ser devidamente elaboradas e, por isso, superadas. Partindo também do interesse pelas questões de gênero e das memórias coletivas e afrodescendentes, procuramos problematizar a relação entre a ética da vida e a criação literária, destacando modos como os efeitos memorialistas da escravidão negra que se manifestam na narrativa levam os corpos das personagens do conto a encenar gêneros e a praticar violências na constituição de suas identidades negras.

Palavras-chave: Olhos d’água; Conceição Evaristo; violência; resistência.

Abstract: The article performs a critical reading of “A gente combinamos de não morrer”, short story of the antology *Olhos d’água* (2014), by Conceição Evaristo. The aim of this study was to analyze how violence influences the contemporary forms of life of the characters in the narrative in line to the history of our slave and colonial past. These are deeply traumatic pains that have not been properly worked out and, therefore, overcome. We seek to problematize the relationship between the ethics of life and literary creation, based on an interest in gender issues and Afro-descendant collective memories. This

allowed us to highlight the ways in which the memories of black slavery are manifested in the narrative, leading the bodies of the characters to stage genders and to practice violence in the constitution of their identities.

Keywords: *Olhos d'água*; Conceição Evaristo; violence; resistance.

1 Introdução

Conceição Evaristo é uma das principais vozes da literatura brasileira contemporânea, assumindo uma posição de destaque no cenário mais recente, sobretudo em função das temáticas de sua escritura e de seu posicionamento político como mulher negra na sociedade brasileira, em um momento notadamente contraditório, em que assistimos ao protagonismo global das lutas feministas, antirracistas, antissexistas e anticapitalistas e, ao mesmo tempo, o ressurgimento do fascismo e a intensificação da intolerância, se fazendo presente no retorno de discursos e práticas autoritárias, negacionistas e antidemocráticas. Desde a década de 1990, Evaristo vem inscrevendo outras vozes no ainda hegemônico campo de produção e circulação artística e literária brasileiro, sendo também participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra no país. Seus primeiros contos e poemas foram publicados nos *Cadernos Negros*, do Grupo Quilombhoje, de São Paulo. Em 2003, lançou o romance *Ponciá Vicêncio*, pela Mazza Edições, de Belo Horizonte, e, em 2006, um segundo romance, *Becos da Memória*, pela Pallas Editora, do Rio de Janeiro. Essas e outras publicações foram traduzidas para idiomas como o inglês e o francês e passaram a circular em outros países, ampliando a projeção da escritora na indústria cultural, como em telenovelas, entrevistas aos meios de comunicação e na presença em festivais literários. Seus livros ganharam maior visibilidade também nas escolas, nas academias universitárias e nos vestibulares, ampliando as problematizações sobre as lutas e resistências das mulheres negras em um país que segue ocultando seus preconceitos, seu racismo, sua desumanização e a falta de direitos ao povo da diáspora africana.

Conceição Evaristo também ganhou visibilidade em eventos políticos marcantes do país, contra o golpe de Estado que impediu a continuidade do mandato da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, e, posteriormente, como integrante do Movimento Lula Livre, que contou com a participação de

ampla parcela da sociedade, ativistas, entidades sindicais e personalidades de mais de cinquenta países com o objetivo de restaurar a democracia no Brasil, garantir o direito dos brasileiros elegerem livremente seus líderes políticos e assegurar um julgamento justo e isento ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, condenado, em 2017, a nove anos de prisão pelo juiz Sérgio Moro – ex-ministro da Justiça e Segurança Pública do - governo de Jair Bolsonaro – e impedido de concorrer às eleições presidenciais de 2018. Evaristo também manifestou presença marcante, no Brasil e no exterior, ao se pronunciar na imprensa logo após o assassinato político da vereadora Marielle Franco, no Rio de Janeiro, em 14 de março de 2018, quando publicou o poema a seguir, “Não, nós nos negamos a acreditar”, em sua homenagem. A partir de então, uma série de mobilizações presenciais e virtuais passaram a fazer uso da hashtag principal: #MariellePresente.

(Para Marielle Franco)

Não, nós nos negamos a acreditar
que um corpo tombe vazio
e se desfaça no espaço
feito poeira ou fumaça
adentrando-se no nada dos nada,
nadificando-se.

Por isso, na solidão desse banzo antigo,
rememorador de todas e de todos,
os que de nós já se foram,
é no espaço de nossa dor,
que desenhamos
a sua luz-mulher – Marielle Franco –
e as pontas de sua estrela
enfeitarão os dias
que ainda nos aguardam
e cruzarão com as pontas
das pontas de outras estrelas,
habitantes que nos guiam,
iluminando-nos e nos fortalecendo
na constelação de nossas saudades.
(EVARISTO, Não, Nós, n.p)

Mais recentemente, em 2018, a escritora concorreu à cadeira de número 7 da Academia Brasileira de Letras, justamente a que trazia Castro Alves como patrono, também autor de textos fundamentais sobre a condição do negro escravizado no Brasil. Sua candidatura foi impulsionada pelos movimentos negros e feministas, que partilhavam a expectativa de realização de um feito histórico para a literatura brasileira e, de forma mais ampla, para as mulheres negras, cujo lugar da escrita não foi jamais construído como espaço natural, retomando a luta frente à recusa branca à concessão de privilégios na sociedade brasileira. Embora o cineasta Cacá Diegues tenha sido escolhido a ocupar a cadeira da instituição, a mobilização nas redes sociais foi intensa, chegando a reunir mais de vinte e cinco mil assinaturas e uso da hashtag #ConceiçãoEvaristoNaABL, desde a provocação lançada pela jornalista Flávia Oliveira¹, no jornal *O Globo*: “Tá faltando preto na Casa de Machado de Assis”.

Conceição Evaristo nasceu em uma comunidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, integrando o instigante histórico de mulheres e autoras mineiras², especialmente a partir da segunda metade do século XX, quando nos recordamos do despontar dos diários femininos, por exemplo, que revelavam o particular e se inscreviam assim nas letras nacionais, como foi o caso de Helena Morley³ – talvez um dos primeiros diários a surpreender os leitores – e de outras mulheres do interior de Minas Gerais, como Carolina Maria de Jesus e Maura Lopes Cançado, que formularam situações inéditas ao “sempre comportado contexto intelectual brasileiro”⁴. Além da escrita dos diários, ainda poderíamos lembrar dos romances e de nomes como o de Maria Firmina dos Reis, autora do precursor *Úrsula* (1859) e Ruth Guimarães, que publica *Água Funda* (1944) quase cem anos depois. Se recordamos alguns desses nomes, é por entendermos que autoras e suas obras abriram caminhos para ampliar as discussões sobre o papel da mulher

¹ Referências disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/flavia-oliveira-sugere-nomes-para-abl-ta-faltando-preto-na-casa-de-machado-de-assis.html>.

² Sobre a presença de escritoras mineiras, indicamos o volume organizado por Constância Lima Duarte, intitulado *Antologia de escritoras mineiras* (Florianópolis: Editora Mulheres, 2008).

³ Mineira, de Diamantina, a autora publicou *Minha vida de menina* aos 62 anos, em 1942. Em 1957, o texto ganhou uma versão em língua inglesa pelas mãos de Elizabeth Bishop.

⁴ *Anos ou Danos Dourados? Modernização, Escrita Feminina, Diários Mineiros – Carolina Maria de Jesus e Maura Lopes Cançado*, de José Carlos Sebe Bom Meihy, 2016.

escritora, das marginais, deslocadas de seus lugares de origem, descabidas, excluídas de tradições consagradas e normativas, transgressoras dos padrões estéticos formais estabelecidos. De alguma maneira, do interior de Minas para as capitais – à exceção de Maria Firmina –, as revelações subjetivas recriadas naqueles cadernos e manuscritos, que representavam os impactos da urbanização e a incompatibilidade com o ritmo pretendido pelo progresso capitalista em um Brasil alheio à modernidade, mostravam que a ficção por si mesma não parecia dar conta de falar sobre a realidade.

Poderíamos seguir com uma descrição minuciosa sobre a inscrição dessas mulheres no cenário das letras brasileiras⁵, com nomes de personalidades consagradas, que tiveram seus livros e escritos aceitos sem as mesmas dificuldades das diaristas, catadoras, pobres, negras e periféricas, em diálogo com a norma culta e a lógica literária convencionada como o padrão de seu próprio tempo. No entanto, o que gostaríamos de apontar é que, de maneira análoga àqueles manuscritos e diários que registravam as vidas de Carolina Maria de Jesus e Maura Lopes Cançado, a escritura de Conceição Evaristo também parece encarnar a escrita de maneira semelhante, ainda que diferente, convocando a ficção ao retorno necessário à realidade. No início de sua carreira, Evaristo também enfrentou dificuldades para a publicação de suas obras, fato diretamente relacionado à produção hegemônica da literatura brasileira, ainda hoje reconhecida como um espaço predominantemente branco e masculino⁶. No trecho a seguir, a autora apresenta o ato da escrita como algo ambivalente para si, carregado de dor e apaziguamento, lugar entre a criação e a vivência, entre a memória individual e coletiva:

⁵ Em *A leitora no quarto dos fundos*, de 1995, Marisa Lajolo recria e relata um episódio sobre a composição intelectual da nossa contracultura, apontando para a existência de um grupo de mulheres, na abertura dos anos de 1960, com “ideias na cabeça e caneta na mão”, dando destaque a autoras que, naquele contexto, assumiam um papel central na cena cultural letrada brasileira.

⁶ Em seu *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, de 2012, Regina Dalcastagné apresenta estudos quantitativos que apontam para a centralidade e dominância das publicações de autores masculinos, brancos, situados no eixo Rio-São Paulo, seja nas editoras de maior circulação, seja ainda nos prêmios e festivais literários tradicionais, de reconhecimento nacional.

Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando um pouco sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir um silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que meu corpo executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2005, p. 202).

Neste artigo, apresentamos o estudo de uma narrativa de Conceição Evaristo, texto que integra o livro *Olhos d'água*, publicado em 2014, no Brasil, através de uma política pública de financiamento e incentivo por parte da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da época, a partir do *slogan* do governo federal: “país rico é país sem pobreza”. A análise não tem a pretensão de esgotar as reflexões sobre o tema e nem mesmo de chegar a tentativas de explicações categóricas, quaisquer que sejam elas. Acreditamos que a seleção do texto nos direciona aos desafios atuais, que parecem dizer respeito aos desafios da resistência democrática e de como a literatura e as produções culturais contemporâneas, de maneira mais ampla, poderiam desempenhar um papel fundamental neste debate.

2 Pactos de violência e de resistência

Nos últimos meses de 2018, após os resultados das eleições presidenciais, a frase atribuída a Conceição Evaristo e que remete ao conto sob análise – “Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer” – viralizou nas redes sociais, através de memes, citações e cartazes, junto com “Ninguém solta a mão de ninguém” e “Ditadura nunca mais!”, como códigos de união, solidariedade e resistência. Em 2019, outros atos e protestos aconteceram no país utilizando o mesmo tema anterior, denunciando o genocídio negro, a violência policial, a parcialidade da justiça, o racismo estrutural e os assassinatos de crianças negras e periféricas no Brasil, como o de Agatha Félix, de 8 anos, no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro; e o de Paloma, de 12 anos, no Morro do Papagaio, em Belo Horizonte.

Olhos d'água é uma compilação de quinze narrativas que tematizam a pobreza e a violência da população afro-brasileira a partir do espaço enunciativo, sobretudo, de personagens femininas que relatam suas experiências pessoais: memórias marcadas nos corpos e nas escrituras. Essas subjetividades narrativas – de personagens como Ana Davenga, Maria Agonia, Duzu Querença, Natalina, Luamanda e outras tantas – logo assumem

memórias coletivas em situações históricas de violência e opressão. A partir de uma grande sensibilidade poética, a obra de Conceição Evaristo alinhava temas como a discriminação racial, a opressão de gênero e de classe a partir do olhar dessas personagens no contexto do espaço das periferias urbanas do Brasil contemporâneo.

Alguns motivos fundamentaram a escolha pelo estudo de um dos contos dessa coletânea, intitulado “A gente combinamos de não morrer”. O primeiro deles partiu da hipótese de que a presença da dor, do sofrimento e da morte – neste caso, da morte da juventude negra das periferias urbanas no Brasil – estaria profundamente ligada ao nosso passado traumático de violência histórica. O segundo motivo é o de que, neste conto, embora a narrativa seja conduzida principalmente pela voz e pelo olhar de uma jovem narradora sobrevivente – chamada Bica –, é possível observar com mais notoriedade a construção de um jogo de descentramento curioso, no qual a voz de Bica costura outras múltiplas vozes ao longo da narrativa, gerando um efeito de fragmentação e não linearidade no modo como elas aparecem para nós, leitores, ao longo do texto. Dessa forma, a coletividade de vozes que narram se move entre a vida e a morte, em diferentes posições de enunciação: “A morte brinca com balas nos dedos gatilhos dos meninos. Dorvi se lembrou do combinado, o juramento feito em voz uníssona, gritado sob o pipocar dos tiros: – A gente combinamos de não morrer!” (EVARISTO, 2015, p. 99).

Dorvi respirou fundo. Mas que merda, pó contaminado, até parece talco para pôr na bunda de neném. Pois é, meu filho nasceu. Um pingão de gente. Quando Bica me mostrou nem tive coragem de olhar direito. Pequeno, tão pequeno! Deveria ter ficado na barriga da mulher, ou melhor, incubado, como semente dentro do meu caralho. Quis cutucar o putinho com a ponta de minha escopeta. Bica se afastou como se o filho fosse só dela. Não sei para que o medo (EVARISTO, 2015, p. 100).

Uma dessas vozes é a voz de um narrador em terceira pessoa que se confunde, às vezes, com a própria voz de Bica. Uma outra é a voz do grito-fala-juramento de Dorvi (marido de Bica) entre tiros e entre seus companheiros de infância.

Limpou os olhos. Lágrimas apontavam diversos sentimentos. A fumaça que subia do monturo de lixo ao lado, justificava qualquer gota ou rio-mar que surgisse e rolasse pela face abaixo. Era a fumaça, desculpou-se consigo mesmo e cantarolou mordiscando a dor, a canção do Seixas: ‘Quem não tem colírio usa óculos escuros’ (EVARISTO, 2015, p. 99).

[Dona Esterlinda] O que mais gosto na televisão é de novela. Acho a maior bobeira futebol, política, carnaval e show. Bobagem também reportagem, campanha contra a fome, contra o verde, contra a vida, contra-contra. Contra ou a favor? Sei lá, confundi tudo. Acho que é contra mesmo. Contra e não. Contra-mão. Ando sentindo dores nas pernas. Também! “Lata d’água na cabeça, lá vai Maria”. Sobe o morro, desce o morro e se cansa dessa dança (EVARISTO, 2015, p. 101).

Nas duas citações anteriores, observamos a referência a fragmentos de outras memórias culturais orais, como a canção de Raul Seixas e outras canções, como a histórica “Lata d’água”, composta em homenagem à passista Maria Lata D’Água, reminiscências da história do samba e do morro carioca. Observamos também fragmentos de outros discursos, como o televisivo e o religioso, dito na voz de Dona Esterlinda, mãe de Bica e de Idago, mais uma vítima do tráfico naquele contexto.

[...] A vida é capim, mato, lixo, é pele e cabelo. É e não é. Na televisão deu: – Mataram a mulher, puseram o corpo na lixeira e atearam fogo! [...].
[Dona Esterlinda] Filhos? Não sou boba, só dois. Cuspi fora uns quatro ou cinco. Provoquei. ‘Eu confessor, me confesso a Deus, meu zeloso guardador, bendito sois vós, que olhe por mim’ (EVARISTO, 2015, p. 100-101).

Como vemos aqui, várias personagens assumem a voz narrativa no decorrer do texto, mais precisamente Dorvi, Dona Esterlinda e Bica, além de uma outra quarta voz que poderia ser de um narrador em terceira pessoa. O que une essas personagens, além da condição de parentesco – Bica, filha de Esterlinda, é casada com Dorvi – é a condição de integrarem ou participarem de uma mesma *forma de vida*⁷.

⁷ Utilizamos aqui uma série de noções wittgensteinianas, como *jogos de linguagem*, *formas de vida*, *semelhanças de família*, que aparecem ao longo das *Investigações Filosóficas* (1979) como noções difusas, nem sempre utilizadas da mesma maneira.

Especialmente em “A gente combinamos de não morrer”, nos interessou pensar o modo como esse recurso de fragmentação formal, marcado no texto – inclusive com uso do **negrito**⁸ –, promove efeitos que parecem propositivos. Suas possíveis descontinuidades, imprecisões ou fragmentações do narrado poderiam ser vistos e abordados, em textos associados com a violência de regimes autoritários, como componentes motivados da forma, como nos propõe Theodor Adorno, na ideia de que “Os antagonismos não resolvidos da realidade retornam às obras de arte como os problemas imanentes de sua forma” (ADORNO, 1988, p. 16). Em seus ensaios, Adorno propõe que os processos históricos estariam sedimentados nas obras de arte. Esse pensamento nos conduziria a uma discussão ética relacionada às criações estéticas.

De maneira aproximativa, Wittgenstein faz da discussão ética algo afastado de um princípio de universalidade. Para ele, a filosofia não seria um conjunto de doutrinas, mas uma prática, uma perspectiva para se considerar a vida em sua mais ampla totalidade e – o que é mais importante –, uma perspectiva que deve agir sobre a vida, no sentido de sua transformação. Essa ideia de uma filosofia para a vida, ao que parece, a tornaria inseparável da Ética, da Estética e da Política. Em sua filosofia da linguagem, a Ética não é algo que temos, mas o que fazemos, um modo de viver, ou “a forma pela qual descrevemos nossas vidas para nós mesmos” (LVAVERY apud READ, 2009, p. 10). Uma investigação ética dessa natureza nos forçaria a olhar para nossas práticas e para nós mesmos. Esse conceito de filosofia na obra de Wittgenstein, que abandona a ideia da Filosofia como um corpo de teorias, nos conduz a uma percepção valiosa do nosso pensamento sobre o mundo e sobre o lugar que nele ocupamos. A postura de Wittgenstein em relação à Ética é de como ela poderia ser uma filosofia para o viver, para a vida cotidiana: “Se queremos viver em sociedade, não há como evitar a questão, o desafio, de uma vida ética” (READ, 2009, p. 10).

⁸ Por exemplo, em “Saraivadas de balas”, de instantes em instantes, retumbam no interior da casa, ameaçando a diversão da mãe de Bica e de Idago” (EVARISTO, 2015, p. 101) parece haver, com o destaque pelo recurso do negrito, uma imposição dos tiros ao cotidiano, à intimidade da casa, à descontraída diversão entre mãe e filho. Essa mesma imposição se faz presente ao longo de todo o conto, em uma complexa relação de poder entre balas, vidas, gêneros e subjetividades.

O título do conto de Evaristo – “A gente combinamos de não morrer” – nos remete ao pacto firmado pelos seus personagens masculinos quando eram jovens. Mas que sentidos pode possuir um pacto como este, feito por jovens de uma comunidade periférica atravessada pelas mais diversas violências? Em primeiro lugar, devemos nos atentar para o fato de que “morrer”, naquele contexto, adquire o sentido de “morrer jovem”. Logo, o trato ganha o significado adicional de “A gente combinamos de não morrer cedo”. No entanto, qual informação contextual pode trazer sentidos ao pacto de não se morrer jovem? O pressuposto linguístico implícito na celebração dos jovens aponta para o fato de que, para quem vive tal situação de vulnerabilidade social, morrer cedo não é a exceção, e sim a regra daquela *forma de vida*. E, conseqüentemente, o pacto aparece como um *jogo de linguagem*⁹ de contraconduta, de desejo de transgressão a esta regra quase infalível. Os significados do pacto ficcional ganham relevância descomunal quando são aproximados aos dados reais estatísticos sobre o genocídio da juventude negra nas periferias urbanas do país: “todo ano, 23.100 jovens negros de 15 a 29 anos são assassinados. São 63 por dia. Um a cada 23 minutos”¹⁰. Vivemos, de fato, uma guerra civil.

Como nos propõe Renato Janine Ribeiro, em “A dor e a injustiça” (1999), o Brasil nunca acertou suas contas com duas dores terríveis,

⁹ Noção central das *Investigações Filosóficas* (1979). Wittgenstein não define o que seriam os jogos de linguagem, mas mobiliza a palavra de diferentes maneiras em seus exemplos aforísticos, mostrando que o significado não é pré-existente, mas ao contrário, que depende dos usos concretos em cada circunstância e forma de vida. Dessa forma, ele aproxima a linguagem da ação corporal de um jogo, cujas regras nunca são iguais entre si, incapazes de definir e prescrever um modo único aos seus jogadores: “Chamarei também ‘jogo de linguagem’ o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada” (Wittgenstein - IF - § 7). Wittgenstein parte do exemplo de um jogo de xadrez e dos movimentos das peças no tabuleiro (IF - § 31) para estabelecer possíveis analogias entre os jogos e a linguagem: ambos seriam atividades guiadas por regras que desempenhariam diferentes funções e significados a partir dos contextos de uso e das formas de vida praticadas pelos seres (Wittgenstein - IF - §§ 24). Assim, existiria “Uma multiplicidade de jogos de linguagem (Wittgenstein - IF - § 23). Da mesma maneira que inexisteria um único traço distintivo capaz de definir o que todos os jogos teriam em comum, não haveria igualmente um sentido comum a todas as palavras e essencial a toda a linguagem, mas apenas semelhanças, como aquelas observadas entre os membros de uma mesma família (Wittgenstein - IF - §65).

¹⁰ BBC Brasil, 6 de junho de 2016.

justamente a da colonização – nossa condição colonial – e a da escravatura. Esses dois traumas não superados seguiram gerando cenas primitivas que não conseguiram, até hoje, ser devidamente elaboradas. Por essa razão, não conseguem deixar de ser parte integrante de nosso caráter. Teríamos, assim, uma dor profundamente socializada, tendo a injustiça como um de seus fatores decisivos.

A palavra assume importância central na narrativa de Evaristo. É pela palavra oral que se firma o pacto de não morrer entre aqueles jovens. É por ter traído a palavra, e entregado os colegas que roubavam a merenda da escola, que Idago, irmão de Bica, é morto aos onze anos de idade. É por não cumprir a palavra e não pagar uma dívida que Neo é morto por Dorvi. Dorvi, intermediário no tráfico, encontra-se prestes a morrer pelo não pagamento de sua dívida, o que aqui também representa o não cumprimento à palavra firmada, ao acordo verbal. A palavra oral, “palavra dada”, de acordo com Bina, não pode ser traída. Esse é a lei que permanece nessa *forma de vida*.

Observamos, também nesse sentido, certa rebeldia linguística que inicia desde o título na narrativa – “A gente combinamos de não morrer” – ao se optar por se escrever como se fala. No conto, há um apelo à oralidade, seja através dos diálogos e das falas dos narradores, das memórias coletivas e familiares, seja ainda na construção estabelecida entre a palavra oral e a promessa como código de honra:

Feriu o código de honra, a palavra dada. A palavra que não se escreve, pois escrita está na palma e na alma de cada um. É preciso trazer sempre a mão aberta. (...).

[Sobre a traição de Idago]. Aí melou. Deu com a língua nos dentes [...]. Mandaram dizer para mãe, que cuidasse da boca traidora do filho dela. Língua cortada não fala (...) E o outro derramou um vidro de pimenta pela goela adentro daquele que cultivava a língua venenosamente solta (EVARISTO, 2015, p. 102).

A crueldade relacionada à traição de Idago, no conto, nos remete ao nosso passado de escravidão e a uma associação direta aos castigos praticados contra os povos escravizados da diáspora africana, quando desobedeciam e resistiam às ordens de seus senhores. Cortar a língua era uma maneira de calar, de silenciar, tendo em vista que esses povos não eram alfabetizados. Na força do resgate da tradição oral e das memórias ainda

reminiscentes dessa violência colonial, a escrita de Conceição Evaristo funciona também como possível estratégia de denúncia dessas violências.

No fim das contas, é a promessa inicial de “não morrer cedo” aquela que sempre é traída, que não consegue nunca, de fato, se cumprir naquele tempo-espço. Alguns elementos, ao longo do conto, funcionam como desengatilhadores de memórias da violência: as balas (“Balas enfeitam o coração da noite”/“balas cortam e recortam o corpo da noite”/“Sarivadas de balas retumbam no interior da casa”/ “Lá fora, balas e balas executam a mesma seca sonata”); a fumaça (de corpos sendo incinerados); a fumaça/poeira/pó/incenso em um movimento notório de deslocamentos de palavras (pó branco da cocaína vendida/usada/traficada; pó branco do talco de bebê/vida; pó como aquilo que sobra do corpo depois de morto, como elo entre vida e morte, do pó viemos ao pó retornaremos). Esses recursos metonímicos não discursivos – como as rajadas das metralhadoras, ou tudo que significa pelo som e pelas imagens visuais criadas – são acionados para atestar não só a fragilidade do pacto, mas sobretudo a imperiosidade da morte precoce que o pacto pretende desafiar pela promessa oral. De fato, em diversos momentos do conto, os narradores fazem a palavra “pó” participar de diferentes jogos de linguagem, remetendo a significações que atestam as condições de sobrevivência naquela forma de vida: o pó é o elemento que conecta a vida e a morte; o pó, ou o tráfico de drogas, aparece tanto como a possibilidade de manutenção da vida como, ao mesmo tempo, elemento desestabilizador do pacto. Como no exemplo a seguir, o personagem Dorvi aparece como um ser sem ilusões, absolutamente consciente de sua própria condição: “Não tenho ilusão. O que temos em comum é o pó do qual somos feitos. É o pó que nos faz, mais nada. Mas o meu pó corre mais perigo. Meu pó vira cinza rápido. Quem incendeia? Pode ser a polícia, pode ser qualquer um de nós mesmo, grupos rivais” (EVARISTO, 2015, p. 104). Dessa forma, aos homens negros e periféricos daquela forma de vida, sobram poucas opções que não servir ao tráfico, matar ou morrer. Como diria Elza Soares, “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, na canção composta por Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette.

Se aos homens coube a falocêntrica atividade bélica relacionada ao tráfico – não à toa, Dorvi relata que ejaculou na primeira vez em que matou, numa relação de gozo ambígua –, às mulheres coube o conviver com as constantes mortes de pais, filhos e maridos. Bica, que em momento

algun da narrativa teve a presença de um pai mencionada, viu morrer o irmão Idago e está prestes a ver morrer o marido Dorvi, além dos colegas de infância. Por esse motivo, o pacto que as personagens femininas fizeram na infância foi outro, o de unir o sangue de suas menstruações. Ou seja, no conto, a constituição do gênero feminino, o pacto simbólico da força desse feminino, passa pela presença do sangue. Bica, que sempre fora dada a escrever, afirma, a partir de uma citação da qual não lembra a fonte, que “escrever é uma maneira de sangrar” e que sua mãe “sempre costurou a vida com fios de ferro”. Bica nos diz: “gosto de escrever palavras inteiras, cortadas, compostas, frases, não frases. Gosto de ver as palavras plenas de sentido ou carregadas de vazio dependuradas no varal da linha. Palavras caídas, apanhadas, surgidas, inventadas na corda bamba da vida” (EVARISTO, 2015, p. 108). E sua narrativa acaba por explorar tensões, os limites tênues que se constituem entre a vida e a morte, entre o medo e a coragem, entre a dor e a esperança naquele gueto que parece resistir. Haveria futuro possível? O pacto do verbo, o pacto do corpo, é tentativa de esperança e resistência. Nesse sentido, o pacto instituído entre homens e mulheres daquela comunidade (o pacto de sangue entre as meninas e o combinado de não morrer dos jovens meninos do tráfico) é mais que um acordo verbal oral, ali consiste na esperança de subversão da sina certa.

Bica conta o caso em que, na escola, convidada pela professora a escrever palavras no quadro, escreveu: “pó, zoeira, maconha. E fui escrevendo mais e mais. Craque, tiro, comando leste, oeste, norte, sul, vermelho e verde também” (EVARISTO, 2015, p. 108). É como se sua escrita sangrasse aquilo que a professora não gostaria de ler em uma menina nas suas condições. Da mesma forma, quando Bica recolhe fragmentos da vida de si, de Dorvi, de D. Esterlinda, de Idago, de Neo – vidas nas quais a morte é cotidiana e sempre iminente – é como se colocasse a sociedade na condição daquela professora, que não quer ver o quanto os projetos de civilização, de desenvolvimento, de ordem, de progresso, se basearam na vida e na morte desses sujeitos. Dessa forma, é como se as palavras de Bica se fizessem corpo, presentificando a violência vivida por tantos outros sujeitos negros e marginalizados durante a história do país. Sua palavra-corpo gesta os sentidos de tantas outras vozes, reforçando a estrutura polifônica e fragmentária da narrativa.

3 Considerações finais

No conto em questão, Conceição Evaristo descreve a lógica complexa das relações morais dessa *forma de vida* e se situa na sua própria descrição, mas em nenhum momento ela condena aí o que seria a boa ação, o justo ou o injusto. Essas relações não são fixas. Ela descreve as circunstâncias que obrigam que elas se dissolvam e fazem com que essas oposições apareçam. Os papéis sociais das personagens também não se mostram fixos. Suas ações não aparecem nem como relativistas nem como absolutas, mas dependem das circunstâncias que poderiam garantir a preservação da vida, a garantia da sobrevivência.

Como destacou Gayatri Spivak, em *Pode o subalterno falar?*, intelectuais, professores, escritoras, pesquisadores, todos nós temos uma tarefa circunscrita que não devemos rejeitar. Parece-nos que Conceição Evaristo não rejeita. E embora sua escrita tematize a violência contemporânea, ela carrega a memória da história colonial e escravista sobre a qual se ergueu nossa sociedade como forma de denúncia dessa violência e de suas complexidades. Dessa forma, carrega a voz de tantas escritoras, negras ou não, das periferias e dos interiores, como Maria Firmina, Helena Morley, Carolina Maria de Jesus, Mara Lopes Cançado. Por fim, enquanto milhares de mulheres e negros forem mortos cotidianamente no país, em um genocídio silencioso e legitimado pelas mais variadas instâncias de poder, haverá também o silêncio das historiografias literárias, dos eventos acadêmicos, das academias de Letras e das salas de aula a respeito de escritas como a de Conceição Evaristo, escritas capazes de sangrar memórias condenadas ao sujo pacto do esquecimento firmado pela elite nacional, insistentemente colonial e escravista.

Referências

ADORNO, T. *Teoria Estética*. Lisboa: Martins Fontes, 1988.

DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2012.

DUARTE, Constância Lima. *Antologia de escritoras mineiras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2008.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: Moreira, Nadilza de Barros; Schneider, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005. p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*, Rio de Janeiro. Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

EVARISTO, Conceição. Não, Nós nos Negamos a Acreditar. Disponível em: <https://recantodopoeta.com/nao-nos-nos-negamos-a-acreditar/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

GINZBURG, Jaime. Literatura Brasileira: Autoritarismo, Violência, Melancolia. In: GINZBURG, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: Edusp / Fapesp, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Anos ou Danos Dourados? Modernização, Escrita Feminina, Diários Mineiros – Carolina Maria de Jesus e Maura Lopes Caçado. In: Arruda, Aline Alves et all (Orgs.). *Memorialismo e Resistência*. Estudos sobre Carolina Maria de Jesus. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

READ, Rupert. *Filosofia aplicada: política e cultura no mundo contemporâneo*. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Rosari, 2009.

RIBEIRO, Renato Janine. A Dor e a Injustiça [Prefácio]. In: Costa, J. F. *Razões Públicas, Emoções Privadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Almeida, Marcos Feitosa, André Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores, XLVI).

WITTGENSTEIN, L. *Cultura e valor*. Trad. Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 2000.